

## III Domingo da Quaresma (08/03/2026)

O nosso coração habita quase sempre no **aquém**, como quem caminha à beira de um horizonte que nunca termina de alcançar. Dentro de nós arde uma sede infinita de eternidade — uma sede silenciosa, profunda — e, no entanto, a eternidade parece sempre escapar-nos por entre os dedos.

Ansiamos por um amor que não tenha fim, um amor inteiro e absoluto. Mas os amores deste mundo, por mais belos que sejam, permanecem sempre **aquém** do que o coração sonha. Tocamos apenas «**a face incompleta do amor**», como nos recorda Sophia.

Desejamos a felicidade plena, luminosa e inteira; porém a vida, com as suas marés e contracorrentes, deixa-nos muitas vezes nas margens dessa plenitude.

E no mais fundo de nós vive o desejo de um abraço eterno, capaz de saciar a sede do coração. Contudo, os abraços humanos — ternos e verdadeiros — são sempre frágeis, passageiros, como ondas que tocam a areia e logo regressam ao mar.

A vida de cada um de nós é, assim, marcada por uma sede que nenhuma água deste mundo pode saciar — uma sede que aponta para além do imediato e do finito, abrindo-nos à pergunta pelo eterno e ao horizonte do Absoluto.

Como a mulher samaritana, também nós descemos aos poços deste mundo para saciar a sede que nos habita — mas raramente bebemos da água viva. Baixamos o balde ao poço do ter, inclinamo-nos sobre a fonte da fama e do aparecer, mergulhamos no mar do poder, percorremos o rio do saber, demoramo-nos na praia do conviver e da diversão. E, ainda assim, com o tempo, todas essas águas perdem o sabor.

Fica-nos a estranha impressão de que os nossos baldes não têm fundo nem profundidade, como se nenhuma água conseguisse deter a sede, como se o coração fosse mais vasto do que todos os poços onde insistimos em procurar.

Contudo, também Jesus se aproxima do poço — ou melhor, já está junto dele quando a mulher chega. E é Ele quem pede de beber. Não vem ao poço para saciar a própria sede, pois Cristo não padece da nossa indigência; vem para transformar aquelas águas em fonte de vida. Cristo não tem sede do Infinito, porque a Eternidade habita n'Ele; mas tem sede de nos inebriar com o seu amor.

O facto de já estar ali revela o mistério da iniciativa divina: é Ele quem vem ao nosso encontro para saciar a nossa sede. Podemos dizer que Cristo tem sede de viver próximo de nós e de nos comunicar a sua vida nova. Ele não repousa enquanto não responder à nossa sede de eternidade. Por isso, dirige-se a todos os poços onde tentamos dessedentar o coração.

Importa, porém, aproximarmo-nos dos poços de água viva. Viver **aquém** da plenitude não é, por si, uma perda, mas pode tornar-se mediação que abre o coração à verdadeira fonte da vida. Quem não reconhece a própria sede jamais disporá o

íntimo para acolher a água viva. Contudo, é preciso não se deixar aprisionar pelos poços deste mundo, mas atravessá-los como caminhos, até que nos conduzam ao oceano divino.

Quando a sede humana de infinito se encontra com a sede divina de nos cumular com a sua graça, acontece a salvação e a redenção do humano. Foi apenas quando a samaritana encontrou Jesus que descobriu o seu verdadeiro Esposo, o seu sétimo. Procurara saciar o coração em muitos amores, mas só Cristo o preencheu plenamente.

Só quando o humano se encontra com o divino o coração encontra descanso, como afirma Santo Agostinho: inquieto está o nosso coração enquanto não repousa em Deus.

Mas a nossa comunhão com o divino, e a felicidade que dela brota, não nos deve encerrar em nós mesmos, mas abrir-nos à partilha da água viva. A samaritana correu à cidade para anunciar que encontrara Alguém que conhecia toda a sua verdade e que só podia ser o Messias. Assim, todos os que se dessedentam na água viva são chamados a tornar-se, também eles, fonte: a deixar que essa água divina irradie, transborde e alcance todos os corações.

Hoje, de modo singular na Eucaristia, Cristo está junto do nosso poço e inclina-Se para nós, convidando-nos a beber da água viva que brota do seu Coração. Não passemos adiante. Acolhamos o dom, bebamos da fonte, e deixemos que em nós se abra um manancial para o mundo.

Ámen.

**P. Emanuel Brandão**